

Alguma coisa outra no lugar dela mesma

Os movimentos do corpo em torno do seu próprio eixo, ou em deslocamento no espaço, configuram uma forma de desenho. Um desenho invisível, uma trajetória que não deixa vestígio e que tem sua existência na dimensão do tempo.

Apreendê-lo na sua totalidade é acompanhar seu desenvolvimento no seu próprio tempo de duração. E ele se completa apenas na percepção e no registro da memória. É diferente do rastro que um risco deixa no papel, fruto do gesto da mão que conduz o lápis. O registro desse trajeto se nos apresenta na sua totalidade, de um só golpe. Acompanhar esse traço com o olhar é poder se aproximar do tempo de duração de seu caminho no campo da folha.

Há uma estreita relação entre gesto, desenho, movimento e dança: no caso do campo da folha de papel, o risco é testemunho de um gesto que o conduziu; o gesto se presentifica no desenho através do risco. Na dança, ao inverso, o gesto do corpo em movimento é testemunho de uma trilha invisível.

Falar de um desenho do corpo no espaço e no tempo remete-nos à questão essencial da estrutura da dança – o movimento, que é também a essência da noção de risco: trajetória, deslocamento.

Enfim, são territórios que se interpenetram, e aproximam o desenho, a dança e o gesto enquanto cúmplices no movimento.

Toda tentativa de registrar os movimentos da dança, ou de reproduzi-los no plano de uma folha, resulta em alguma coisa outra no lugar dela mesma. Dança e desenho se relacionam apenas na dimensão do tempo.

O conjunto majoritário de trabalhos que compõem esta exposição utiliza-se do traço como ferramenta, como recurso para a representação; pois a concepção da obra coreográfica tem seu “corpo”, sua (i)materiabilidade em outra dimensão que a do campo da folha. Estamos, portanto, no território do simbólico por excelência.

O interesse é mostrar como é possível traduzir em esquemas gráficos, notações, escrita, este desenho etéreo, quer seja nas etapas de criação do trabalho coreográfico, de duração ou registro posterior.

É provável imaginar que a coreografia surge, em suas primeiras linhas, em imagens mentais, em “pensamento visual”. Pode, então, fazer uso de esquemas gráficos aproximativos, anotações ou desenhar-se pelo próprio corpo no espaço: o corpo esboça, rabisca, elabora seu “desenho final”, pois há o gesto inscrito na sua própria memória.

Num outro momento, aparece a questão do registro posterior: notações, escrita, fundamentalmente. As notações, na realidade, se aproximam da escrita: constituem-se em linguagem codificada cuja leitura pressupõe um conhecimento prévio. Aproximam-se, na sua concepção, de partituras musicais.

Comparece também o registro fotográfico, congelando instantes do movimento da dança, e que numa sucessão de imagens dá conta de “sugerir” um desenho.

E, finalmente, o recurso do vídeo para elaboração de estudos coreográficos e para registro posterior, situação em que o desenho da dança se refaz, em outro suporte, no seu verdadeiro tempo de duração.

Nesta quarta etapa do projeto, poderíamos concluir que o conceito de desenho se faz presente em quase toda sua abrangência, assumindo diferentes papéis, revelando-se em suas mais diversas e inusitadas formas.

No registro do desenho da dança, a possibilidade de retê-lo. Tentativa de capturar o intangível.

março 1996